



Ministério da Educação
Divisão Sul-Americana

LIDERANÇA

CURSO DE

**ORIENTAÇÕES
PARA A INCLUSÃO
DE CRIANÇAS SURDAS
E COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

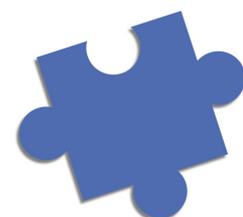
**NÍVEL 6
MÓDULO 4**



Curso de Liderança Ministério da Criança

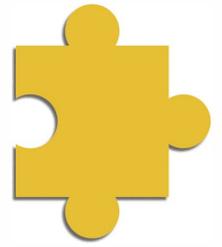
Nível 6 Módulo 4

ORIENTAÇÕES PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS SURDAS E COM DEFICIÊNCIA VISUAL





Ficha Técnica



Coordenação geral
Divisão Sul-Americana
Glauca Korkischko

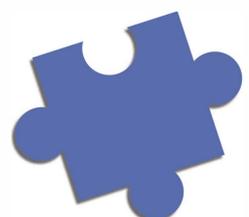
Autoria
Juliana Santos
Elia Firmino Burgarelli

Coordenação técnica
Dra. Suzete Araújo Águas Maia

Colaboração e revisão textual- Espanhol
Psp. Cuca Lapalma

Revisão textual e adaptação - Português
Mara Moraes

Diagramação
EWIG Studios

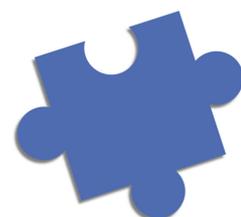




Índice



Resumo I - A Pessoa com Deficiência Visual: A Importância da Convivência, das Técnicas e dos Recursos Auxiliares.....	4
Introdução Resumo I	4
1. O Que É Deficiência Visual.....	6
1.1 Cegueira.....	8
1.2 Crianças com baixa visão.....	8
1.3 Indicadores de problemas de visão.....	9
2. Técnicas e Recursos Auxiliares.....	10
2.1 Orientação e mobilidade.....	12
2.2 O sistema Braille.....	13
2.3 Adaptações que ajudam as crianças com baixa visão.....	15
3. Conclusão Resumo I.....	17
Resumo II - Escola Sabatina Infantil: Métodos para Incluir Crianças Surdas.....	18
Introdução Resumo II.....	18
4. Conceitos Importantes.....	20
4.1 Ministério Adventista dos Surdos.....	21
5. A Escola Sabatina para crianças surdas.....	22
5.1 A recepção na sala da Escola Sabatina.....	23
5.2 Lição-contação de história.....	24
5.3 Momento de louvor.....	25
5.4 Sugestão de atividades.....	26
6. A pessoa surdocega e suas formas de comunicação.....	28
7. Considerações Finais.....	29
Referências.....	30





Resumo I



Querido líder, parabenizamos seu desejo de aprender e se aperfeiçoar para ser um instrumento de salvação na sua igreja e comunidade. Neste último módulo do Nível 6 do Curso de Liderança do MC, você encontrará duas temáticas muito solicitadas, especialmente pelos professores, que são os tópicos de como incluir crianças surdas e/ou com deficiência visual na rotina da Escola Sabatina. Como são assuntos amplos e específicos, serão abordados de formas individuais. O primeiro tema é: **A PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: A importância da Convivência, das Técnicas e dos Recursos Auxiliares.**

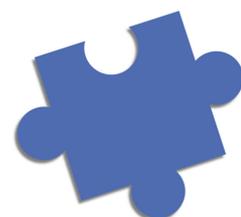
Introdução resumo I

De modo geral, quando o assunto é a deficiência visual o pensamento se volta para os impossíveis. No entanto, generalizar as limitações e possibilidades de uma pessoa a partir de uma única característica é ignorar a complexidade da vida humana e restringir o poder de Deus.

É necessário um olhar mais abrangente para as pessoas como seres humanos antes de focar toda a atenção em um único aspecto dessa vida que é tão interessante e valiosa quanto qualquer outra.

Talvez você já percebeu que não é tão comum que crianças com deficiências visuais moderadas e graves participem ativamente nas atividades da igreja. Qual será o motivo? Há uma menor porcentagem de pessoas com este tipo de deficiência? Será que não se sentem incluídos na estrutura e atividades da igreja? Há barreiras que não permitem que a criança ou adolescente tenha independência e protagonismo nas atividades da Escola Sabatina e culto?

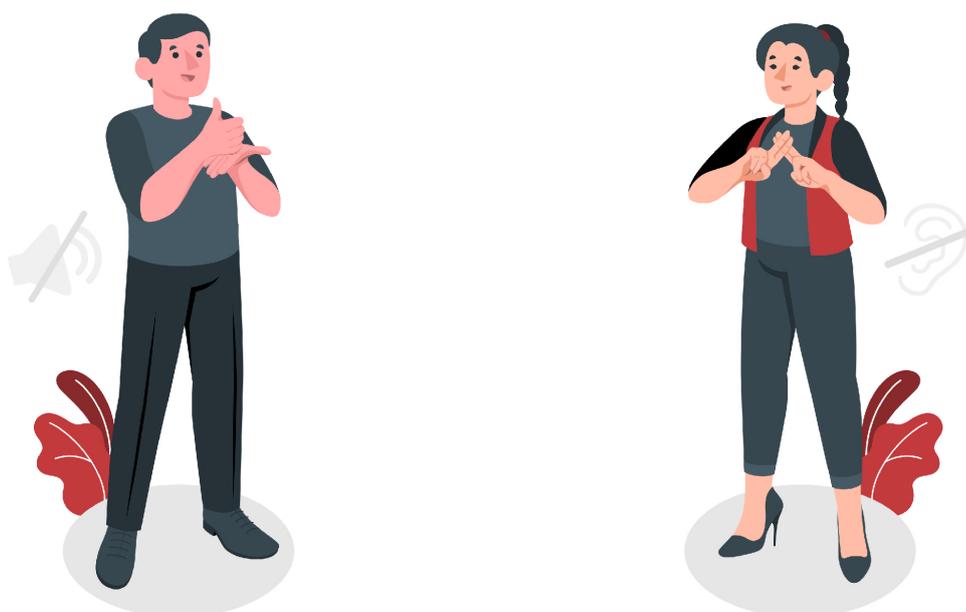
Perguntas tão complexas não têm respostas simples! No relacionamento com a deficiência, parece que tudo o que seja diferente ou desconhecido causa estranheza e temor, se tornando quase que instantaneamente, inferior, desigual e excludente. Disso nasce o preconceito; quando se cria um conceito sobre alguém antes mesmo que se conheça, de fato, aquela pessoa.



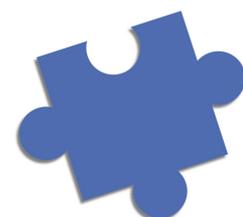


Segundo Costa (2020), o preconceito contra a pessoa com deficiência chama-se capacitismo e todos o trazem consigo de uma forma ou de outra, uma vez que se trata de algo estrutural. Isso vem com a bagagem de conhecimento e vivência que cada um teve e a maneira como processa essas informações ao se relacionar com o tema da deficiência.

A vítima de preconceito tem sua existência resumida a uma única característica, que nesse caso é a deficiência, e fica sentenciada a uma vida limitada e sem oportunidades. Ao mesmo tempo, as barreiras que se encontram nos diferentes âmbitos da sociedade expressam claramente que a pessoa com deficiência é indesejada na maioria dos espaços físicos, sociais, religiosos, culturais e educacionais, entre outros que se possam listar. Assim, o problema não está na pessoa, mas no ambiente hostil que a rodeia.



É por isso, que este texto tem por objetivo auxiliar você, professor, a tomar conhecimento e compreender melhor o mundo da pessoa com deficiência visual a fim de agir com assertividade e proatividade em todos os contextos e, em especial, nas salas da Escola Sabatina das crianças e dos adolescentes na Igreja Adventista do Sétimo Dia.



1. O QUE É A DEFICIÊNCIA VISUAL



Antes de qualquer estratégia prática, é necessário entender um pouco mais sobre a deficiência visual. **Esta é a condição de ausência total ou parcial do sentido da visão e ela pode estar presente desde a formação do feto no útero materno (congenita), ou ter sido adquirida ao longo da vida.** Segundo suas particularidades, as pessoas com deficiência visual podem apresentar:

CEGUEIRA

VISÃO BAIXA
(Visão subnormal)

VISÃO MONOCULAR
(Cegueira em um olho)

Sendo assim, não está ligada, necessariamente, a uma total incapacidade de ver.

A fim de entender melhor o que significa a deficiência visual é necessário conhecer os termos básicos sobre o funcionamento da visão. Com certeza você já fez exames oftalmológicos para cuidar da saúde de seus olhos, e mesmo sem saber o nome técnico, foram analisadas algumas das seguintes capacidades:

1.

Acuidade Visual – AV, que está relacionada com a medida da visão central que tem a função de identificar objetos e seus detalhes, segundo Lopes (2014). O exame de Acuidade Visual avalia a capacidade que uma pessoa tem de discernir visualmente o menor objeto a uma determinada distância. (Rocha, 2016)



2.

Outro conceito importante é o de **Campo Visual – CV**, relacionado com a área na qual os objetos são visualizados de maneira simultânea quando a pessoa dirige o olhar para algo fixo e imóvel, sendo um fator decisivo para a qualidade visual de uma pessoa. (Muñoz, 2007)

Essas medições são realizadas em consultórios médicos especializados em oftalmologia com a utilização de aparelhos. Muñoz (2007), menciona que o Teste de Snellen, criado pelo oftalmologista holandês Hermann Snellen, é considerado o exame mais eficaz para detectar problemas de visão. Observe na Figura 1, um modelo da tabela utilizada para o Teste de Snellen.

Figura 1



Pessoas com deficiência visual podem apresentar pouca sensibilidade aos contrastes que é a capacidade que o sistema visual possui de detectar a diferença de brilho entre duas superfícies sobrepostas, como por exemplo: uma folha de papel branca sobre uma mesa branca. Podem desenvolver também baixa adaptação visual que é a habilidade de adaptar a visão aos diferentes tipos de iluminação.

1.1 Cegueira



A cegueira pressupõe a falta de percepção visual devido a fatores fisiológicos ou neurológicos. A cegueira total caracteriza-se pela completa perda de visão sem percepção visual de luz e forma. Esta pode ser congênita ou adquirida.

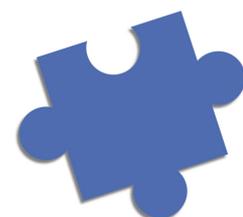
Uma criança com cegueira, pelos sintomas e limitações apresentadas, pode ser diagnosticada com maior facilidade, em relação a outra criança que apresenta deficiência visual leve, por exemplo.

Há doenças preveníveis como a rubéola, que no Brasil é a maior responsável por casos de cegueira em recém-nascidos. A genética também é responsável por casos de cegueira infantil. Estudos, também apontam que a deficiência de vitamina A na gestação pode trazer riscos para o bebê.

1.2 Crianças com baixa visão

Como foi mencionado anteriormente, a cegueira é considerada como a perda visual profunda até perda visual total. Mas também tem a classificação chamada “baixa visão”, que é quando a pessoa tem uma perda visual leve à grave, sendo que a redução das funções visuais variam segundo cada caso.

Talvez na sua classe você já tenha visto uma criança colocando a Bíblia muito perto do rosto para ler, ou fechando os olhos e forçando-os para enxergar. Esses são apenas dois sinais que podem alertar sobre a necessidade dessa criança em consultar o oftalmologista para realizar um exame de visão.





1.3 Indicadores de problemas de visão

Se você observar alguns dos sintomas abaixo, converse com o responsável da criança para que possa procurar ajuda médica especializada. Muitas vezes, os sintomas são mais notáveis em ambientes de aprendizagem como a escola ou a igreja.

Alguns sinais de alerta:

BEBÊ

- Porque não enxerga bem, a criancinha brinca pouco.
- Não consegue pegar um objeto, sendo que já tem tônus muscular para pegar aquilo que vê e quer.
- Não se sente atraído por objetos que não emitem som, porque não os enxerga.
- Não segue o rosto do professor ou dos pais com seus olhos.
- Faz movimentos estranhos com os olhos.
- Se incomoda muito com a luz.
- Coça muito os olhos.

CRIANÇA E ADOLESCENTE

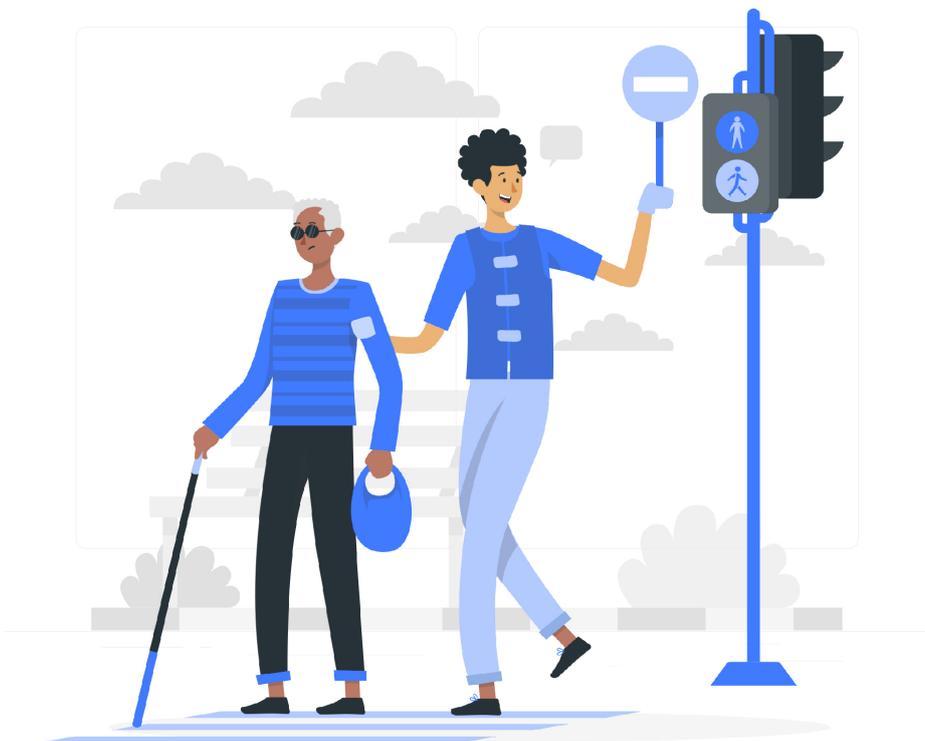
- Tropeça e bate os braços constantemente nas portas e paredes.
- Olhos avermelhados.
- Dor de cabeça pelo esforço realizado na leitura.
- Coloca o texto para ler muito próximo ao rosto.
- Falta de motivação em atividades que são de ler e/ou escrever.
- Dificuldades para distinguir cores.
- Olhos secos ou lacrimejantes.
- Muita sensibilidade à luz.

2. Técnicas e recursos auxiliares

É importante saber que uma deficiência, seja ela visual ou de qualquer outro tipo, não deve ser concebida como sinônimo de doença. A pessoa com deficiência pode apresentar um ótimo estado geral de saúde e não obrigatoriamente estar doente. **A deficiência visual pode ser, em linhas gerais, o resultado de uma patologia, de um acidente, trauma ou condição genética.**

A intensidade das limitações ou grau de exclusão que uma pessoa com deficiência vivencia é proporcional à quantidade de barreiras encontradas que impedem o seu acesso e inclusão. Acessibilidade é um direito garantido por lei à pessoa com deficiência para que viva de forma independente exercendo seus direitos de cidadania e participação social.

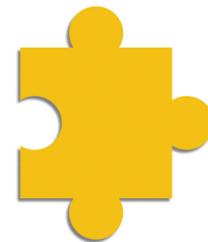
Sendo assim, a pessoa com deficiência visual deve ser incentivada a buscar programas de reabilitação especializados a fim de aprender as técnicas e a utilização dos recursos disponíveis para desfrutar de uma vida com mais autonomia, entre outros benefícios



Segundo Franco (2017), dentre os tipos de recursos existentes para melhorar a visualização das imagens, no caso de pessoas com baixa visão, encontram-se os:

	Ópticos	Não-ópticos	Auxílios Eletrônicos
	São instrumentos, produtos e tecnologias que são especialmente desenvolvidos para melhorar o dia a dia de uma pessoa com deficiência visual. Requerem conhecimento técnico para avaliação e uma correta indicação.	São modificações em materiais e no ambiente. São mais simples e acessíveis e podem ser utilizados juntamente com os recursos ópticos	Associação de sistemas ópticos e eletrônicos (videoampliação e tecnologia de informática)
USADOS PARA:	Aumentar a imagem. Deslocar a imagem da retina. Filtrar o espectro de luz. Condensar a imagem.	Ampliação. Ajuste de posicionamento e postura, Melhoria das condições de escrita e leitura. Controle da iluminação.	Ajuste de tamanho. Ajuste de brilho, cor, iluminação. Leitura de conteúdos com sintetizadores de voz.
EXEMPLOS:	Para auxiliar na visão de longe: Telescópios manuais. Telescópio monocular montado em óculos. Telescópio binocular montado em óculos. Para auxiliar na visão de perto: Óculos. Lupas manuais. Lupas de apoio. Sistemas telemicroscópicos. Recursos eletrônicos.	Melhoras na iluminação do local. Cortinas para modificar a entrada de luz. Folhas com pauta reforçada e ampliada, para aumentar as letras e o contraste da linha com o papel. Ampliação. Acessórios adaptados, como textos impressos em fonte ampliada. Viseiras, bonés e chapéus também são indicados como auxílios não ópticos.	Eye-D (Android iOS). Be My Eyes (Android iOS). Google BrailleBack (Android).
	 <p>Fonte: CEBRAV/CAP. Apostila. Curso de Capacitação para Professores – Área Deficiência Visual. Goiânia, GO. 2014.</p>	 <p>Fonte: Blog Professora Bel. Disponível em: https://atividadesdaprofessorabel.blogspot.com/2012/07/aluno-com-baixa-visao.html</p>	

2.1 Orientação e mobilidade



É importante para a autonomia e segurança da pessoa com deficiência visual, aprender as técnicas de **Orientação e Mobilidade – OM**. A orientação e mobilidade é a capacidade que uma pessoa tem de perceber o ambiente e compreender a sua posição atual em um determinado espaço para, a partir dessas informações, se movimentar. Dos 5 sentidos, a visão é a que mais auxilia na orientação e mobilidade do ser humano. (Felippe, 2003)

Sendo assim, a técnica de OM é o aprendizado que vai cooperar com a organização dos movimentos e auxiliar no aprendizado do uso dos sentidos remanescentes para obter informações importantes do ambiente a fim de que a pessoa saiba onde está, para onde deseja ir e como chegar ao lugar desejado. Para isso, a fim de se orientar, a pessoa utiliza a audição, o tato, a visão (no caso da baixa visão), o olfato e a sinestesia (percepção dos seus próprios movimentos).

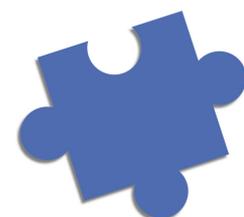
Nesse sentido, o professor da sala da Escola Sabatina deve tomar a iniciativa para conversar com a criança ou adolescente com deficiência visual. Aproximar-se tocando suavemente em seu ombro; apresentar-se; e oferecer ajuda são atitudes muito bem-vindas.

Quando a pessoa com deficiência visual precisar se deslocar, ofereça-se como guia. Toque suavemente em seu braço para que ela segure seu punho ou sua mão (no caso de uma criança de baixa estatura), ou a parte posterior do seu cotovelo ou ombro (no caso de uma criança ou adolescente de maior estatura). Caminhe sempre um passo à frente da pessoa com deficiência visual, assim ela seguirá seus movimentos. Avise no caso de obstáculos, como degraus, portas entreabertas, cadeiras ou buracos. Nunca puxe a pessoa pela mão ou pela bengala. Não empurre a pessoa para que caminhe à sua frente segurando-a pelas costas. Observe na figura abaixo, a forma correta de como guiar uma criança com deficiência visual.

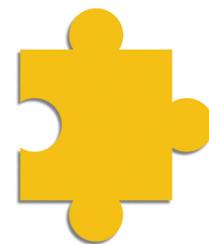


Fonte: Fundação Dorina Nowill para Cegos. Orientação e Mobilidade. Disponível em: <https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2019/02/Cartilha-Orienta%C3%A7%C3%A3o-e-Mobilidade.pdf>

A **audiodescrição – AD**, é um dos recursos mais importantes para ajudar a pessoa com deficiência visual a assimilar e compreender as informações do ambiente que a rodeia. A AD nasceu na década de 70 nos Estados Unidos e consiste na prática de descrever o mundo das imagens para pessoas cegas ou com baixa visão. Essa deve ser uma rotina comum nas salas da Escola Sabatina, uma vez que potencializa o aprendizado de todas as crianças, porque aumenta o senso de observação, amplia a percepção e o entendimento e descreve detalhes que muitas vezes passariam despercebidos mesmo para as pessoas que enxergam. (Motta, 2015)



2.2 O Sistema braille

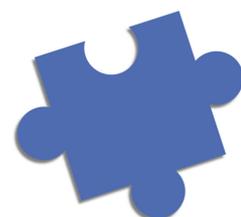


Utilizado por pessoas com surdocegueira (deficiência que compromete os sentidos da visão e audição em diferentes graus e pode ser de origem congênita ou adquirida) ou com deficiência visual, o **Sistema Braille** é um código universal de leitura e escrita tátil. Foi inventado pelo jovem Louis Braille em 1825, e marcou uma significativa conquista para a educação de pessoas com deficiência visual na sociedade.

Para facilitar a identificação e estabelecer sua exata posição, os pontos são numerados de cima para baixo, da esquerda para a direita. O conjunto desses 6 pontos formam 63 combinações diferentes de onde se originam as letras do alfabeto, as vogais acentuadas, os sinais de pontuação, os numerais, os sinais de operações e relações matemáticas, as notas musicais e os símbolos da informática e da química. A seguir, observe o modelo de uma ela Braille e as letras do alfabeto.

ALFABETO BRAILLE

A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	





Ainda hoje, o Braille é de extrema importância na comunicação escrita da pessoa surdocega, cega ou de baixa visão. Ouvir a leitura feita através de outra pessoa, de recursos tecnológicos em áudio gravado ou leitores de tela para computadores e celulares não confere o mesmo benefício educacional de quando se tem contato com a grafia das palavras.

Isso é ainda mais sério quando se trata de crianças em fase de letramento e de adolescentes em expansão do vocabulário. Nesse sentido, para efeitos do estudo de crianças e adolescentes é imprescindível que a Lição da Escola Sabatina e os livros complementares estejam disponíveis em Braille. Assim também deve ser para o caso de que os pais ou responsáveis que acompanham o aluno no estudo diário da Bíblia seja uma pessoa com deficiência visual.

Leitura e escrita no Braille com o uso da reglete e punção



Disponível em:
<https://vidadestra.org/ha-200-anos-louis-braille-desenvolve-sistema-de-leitura-e-escrita-para-pessoas-cegas/>

O acesso à literatura em Braille é extremamente escasso. As pessoas que necessitam e desejam utilizar o recurso ficam restritas a pouquíssimos títulos que muitas vezes não atendem às suas necessidades ou aos seus interesses. Nesse sentido, a Igreja Adventista do Sétimo Dia pode contribuir produzindo sua literatura em Braille tornando-se mais relevante para esse público que soma 6,5 milhões de pessoas, representando 18,6% dos 23,9% do total de pessoas com algum tipo de deficiência só no Brasil. (Oliveira, 2012) Ainda hoje, o Braille é de extrema importância na comunicação escrita da pessoa surdocega, cega ou de baixa visão. Ouvir a leitura feita através de outra pessoa, de recursos tecnológicos em áudio gravado ou leitores de tela para computadores e celulares não confere o mesmo benefício educacional de quando se tem contato com a grafia das palavras.

Isso é ainda mais sério quando se trata de crianças em fase de letramento e de adolescentes em expansão do vocabulário. Nesse sentido, para efeitos do estudo de crianças e adolescentes é imprescindível que a Lição da Escola Sabatina e os livros complementares estejam disponíveis em Braille. Assim também deve ser para o caso de que os pais ou responsáveis que acompanham o aluno no estudo diário da Bíblia seja uma pessoa com deficiência visual.



2.3 Adaptações que ajudam as crianças com baixa visão



Segundo Franco (2018), o professor pode realizar mudanças que beneficiarão a inclusão da criança com baixa visão, no contexto da aprendizagem, nas classes da Escola Sabatina. Algumas delas são:

ILUMINAÇÃO

Posicionar a criança de forma que a claridade não incida diretamente sobre os seus olhos, cause brilho ou gere sombras que atrapalhem sua leitura e escrita.

Evitar luz lateral, luz frontal incidindo nos olhos, luz incidindo na superfície que se olha, luz de lâmpadas que geram oscilações, como as fluorescentes.

CONTRASTE

O aumento do contraste favorece a percepção visual. O mais comum é o contraste preto no branco, mas outras variações em alto contraste podem ser usadas para ilustrar gráficos, cartazes, etc.

Nas lousas brancas escrever com canetas pretas, já nas lousas escuras, optar pelo giz branco.

Verificar se está bem limpa. Escrever sobre a lousa mal apagada prejudica o contraste.

Sublinhar o texto com outra cor para destacar palavras ou frases.

COLORES

La percepción del color varía caso por caso. En general, los colores más fuertes se perciben más fácilmente. Sin embargo, esta no es la realidad de las ilustraciones de diagramas y libros de texto, que utilizan tonos muy claros para niños con baja visión.



TAMANHO DAS FONTES E DAS IMAGENS



Muitas vezes, os professores, por causa da falta de recursos na Escola Sabatina, economizam na hora de fazer xerox das atividades, colocando duas folhas em uma. Dessa forma, a letra e os desenhos ficam menores e isso pode representar uma dificuldade não apenas para uma criança com baixa visão. Por isso, considere os seguintes conselhos que podem beneficiar a todas as crianças:

Ajustar às crianças, a distância ideal da lousa ou do professor que está mostrando os elementos relacionados ao ensino na Escola Sabatina.

Deixá-la aproximar o material de leitura para perto dos olhos. Isso não prejudica a visão.

Usar fontes sem serifa e que não sejam condensadas. As mais indicadas são ARIAL e VERDANA.

Optar pela letra bastão (maiúscula). É mais difícil para o aluno com baixa visão (e aqueles que estão aprendendo a ler), a leitura em letra cursiva.

Sempre que possível optar por gravuras simples, com poucos detalhes, com traços íntensos, cores vivas e contornos bem definidos.

Dirigir-se sempre à criança pelo nome, e evite advérbios de lugar como aqui, ali.

Se houver disponibilidade de recursos ópticos como lupas para leitura de perto, e telescópios para leitura da lousa, avance com essas adaptações.

Dependendo da necessidade da criança, é necessário que as atividades estejam numa letra maior que fonte 12. Outras vezes, é necessário diminuir porque o campo de visão é menor. Por isso é fundamental conversar com a família da criança para conhecer as necessidades reais dela.

Conclusão



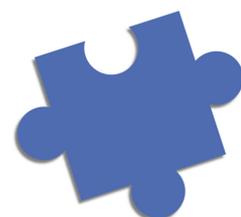
Conhecer as leis e termos técnicos sobre a deficiência visual é importante, no entanto, nada será mais esclarecedor e enriquecedor que a convivência com as pessoas que apresentam essa característica. Ninguém melhor que as próprias pessoas surdocegas, cegas ou com baixa visão para falar de suas potencialidades e necessidades específicas.

É fato que a deficiência visual traz consigo grandes desafios, mas nem todas as adversidades estão relacionadas a ela. Portanto, tratar a criança com deficiência com lástima, além de não ajudar em nada, não vai mudar as circunstâncias. A melhor opção é ser proativo na busca por conhecimento para eliminação das barreiras que impedem o acesso às oportunidades, para que essa criança se desenvolva e contribua com a sociedade.



Compreender a importância de considerar a pessoa como um ser humano completo acima de qualquer característica é transformador para todos os envolvidos no processo. Deve haver uma verdadeira mudança no modo de pensar sobre as pessoas com deficiência e esse conhecimento deve ser compartilhado para que muitos outros se tornem agentes de transformação.

Os Ministérios da Criança e do Adolescente, juntamente com o Ministério das Possibilidades e o Departamento da Escola Sabatina da Igreja Adventista do Sétimo Dia, trabalhando em conjunto e unindo esforços podem fazer a diferença na vida de muitas pessoas com surdocegueira e deficiência visual, investindo na capacitação de professores e na produção de materiais em Braille e outros formatos acessíveis.





Resumo II

Querido líder, veremos agora o segundo tema do nosso Curso de Liderança: **ESCOLA SABATINA INFANTIL: métodos para incluir crianças surdas.**

Introdução resumo II

Ao longo da história, o saber sobre os surdos, as línguas de sinais e aspectos que envolvam essa comunidade, esteve restrito a poucas pessoas além dos surdos. Historicamente, os ambientes religiosos tiveram papéis importantes na formação de tradutores e intérpretes de Libras, devido ao empirismo de atividades ligadas às igrejas ou a cursos ofertados nesses espaços. (Silva, 2012)

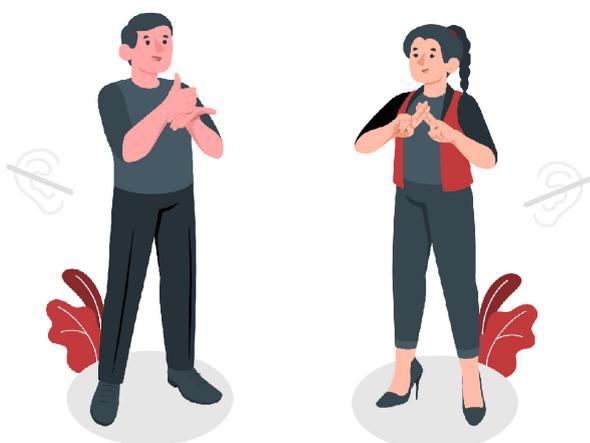
Entretanto, o desconhecimento geral costuma ser tanto que estudiosos dessas línguas e dos estudos surdos, quando têm oportunidade, se dedicam a desmistificar preconceitos e mitos sobre o assunto. Um exemplo disso é o livro *Libras? Que língua é essa?* que é comumente adotado como bibliografia básica, devido à sua eficiência didática. Outro exemplo, é o livro *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*, que aborda aspectos relacionados à cultura surda e a importância da língua de sinais para essa comunidade.

Com o avanço das pesquisas e o aumento das discussões em torno da inclusão, acessibilidade e o direito das pessoas surdas, a língua de sinais, os tradutores e intérpretes de Libras têm ocupado espaços diversos na sociedade, incluindo os espaços religiosos, permitindo então a participação cada vez maior de pessoas surdas nas igrejas.

Isso também se deve aos dispositivos legais que incentivam a presença dessas atividades nesses espaços. Dentre eles, destaca-se a Lei de Libras (Brasil, 2002), que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras, como um meio legal de comunicação e expressão, regulamentado pelo Decreto nº 5.626, e que dispõe, dentre outras coisas, sobre a formação e a certificação de profissionais para atuarem no ensino, na tradução e na interpretação da Libras.



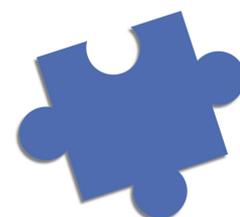
Mais adiante, a profissão de tradutor e intérprete da Libras foi regulamentada pela Lei nº 12.319 no ano 2010; e a importância da presença desse profissional, como possibilidade à acessibilidade comunicacional entre pessoas surdas e ouvintes, também é reforçada pela Lei nº 13.146 (2015), conhecida como Lei Brasileira de Inclusão ou como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que objetiva assegurar os direitos e a dignidade das pessoas com deficiência, entre outras providências.



Nesse contexto, emerge então a necessidade das igrejas, institucionalmente, organizar e implementar estratégias que garantam a efetiva participação das pessoas surdas nas diversas atividades e métodos de evangelismo para alcançar o povo surdo com a urgente mensagem do terceiro anjo.

Nesse sentido, é importante ressaltar que as atividades de tradução e interpretação de Libras-Língua Portuguesa no contexto religioso não se restringem ao culto. A fim de garantir direitos linguísticos e acesso de forma equitativa a todas as atividades disponibilizadas pela instituição, esses atendimentos precisam ser prestados em todos os ministérios que tenha participação ou interesse das pessoas surdas, como por exemplo: Clube de Desbravadores, Ministério Jovem, Ministério da Mulher, Clube de Aventureiros, Escola Sabatina, dentre outros.

Pensando no contexto da Escola Sabatina, especificamente no Departamento Infantil, é preciso que os professores pensem em metodologias e na tradução ou elaboração de materiais em Libras que atendam às crianças surdas.



4. Conceitos importantes



Uma dificuldade que os professores podem ter, é saber usar a linguagem certa para cada situação dentro do contexto da deficiência auditiva. Por isso, logo abaixo você verá expressões corretas e conceitos básicos que o ajudarão nesta jornada de aprendizagem.

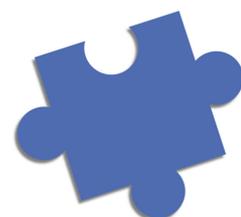
Acessibilidade Comunicacional: oferecer recursos, atividades e bens culturais que promovam independência e autonomia aos indivíduos que necessitam de serviços específicos para acessar as atividades educacionais propostas.

Pessoa com surdez (surdo): aquela com perda significativa da audição em ambos os ouvidos e usuário da Libras. A interação com o mundo ocorre, sobretudo, pelo uso da Língua de Sinais. Para a pessoa surda, sua diferença não está na falta de audição e sim, na diferença linguística no uso da Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua.

Pessoa com deficiência auditiva: aquela com perda auditiva leve ou moderada que utiliza a modalidade oral em Língua Portuguesa como principal forma de comunicação e não a Língua de Sinais.

Língua Brasileira de Sinais - Libras: apresenta todos os aspectos linguísticos exigidos por uma língua, tais como fonologia, semântica, sintaxe, gírias, expressões idiomáticas, variações linguísticas, etc. A Libras manifesta-se de forma viso-espacial utilizando como elementos produtores, principalmente as mãos e o corpo. A percepção da realidade ocorre por meio dos olhos.

Tradutor e intérprete de libras-português - Tils: aquele que traduz e interpreta o par linguístico Libras-português. Na prática, sua atuação detém-se à mediação entre surdos usuários da Libras e não surdos.



4.1 Ministério Adventista dos Surdos



Você sabia que no ano 2008, a Conferência Geral oficializou o **Ministério Adventista dos Surdos - MAS?** O trabalho que anteriormente era desenvolvido por voluntários da comunidade surda, passou a ser discutido de forma estruturada na instituição e orientado pela Divisão Sul-Americana - DSA. Há registros de que o trabalho no Brasil tenha se iniciado entre 1939 e 1967 no estado de São Paulo. (Oliveira, 2021)

Com a oficialização do MAS, a igreja começa então a apoiar e conduzir o trabalho de tradução de materiais para Libras. Exemplo disso é a tradução do livro missionário, da lição da Escola Sabatina dos adultos e a promoção de eventos evangelísticos para essa comunidade (Evangelibras: junção das palavras evangelismo e Libras). Esses e outros projetos passam a ser conduzidos pela DSA.

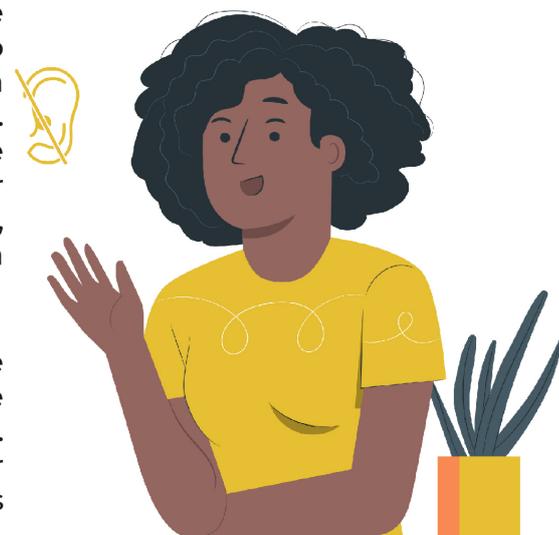
Consecutivamente, nos anos de 2019 e 2020, com a implementação do Ministério Adventista das Possibilidades - MAP, o MAS passa a estar vinculado como uma das sete frentes de trabalho desse ministério. A expectativa é que com a sistematização dos trabalhos, haja crescimento e avanço nesse ministério.

A maioria dos materiais da igreja e as lições da Escola Sabatina de adultos estão disponíveis no site: <https://surdosadventistas.com.br/>

Atualmente, a Rede Novo Tempo de Comunicação tem avançado em alguns projetos pilotos com acessibilidade em Libras, no entanto, a maioria dos materiais são traduzidos apenas para Libras. A tradução de materiais para as línguas de sinais dos países hispanos configura-se um desafio para a igreja na DSA, uma vez que cada país tem a sua própria língua de sinais.

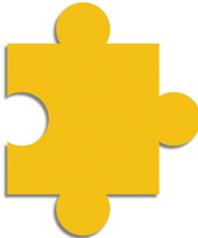
Quando se fala de materiais produzidos em língua de sinais para crianças surdas, essas produções são escassas. A Igreja Adventista ainda não disponibiliza a tradução das lições infantis em línguas de sinais. Atualmente, não existe tradutores e intérpretes de língua de sinais suficientes nas igrejas para acompanhar os surdos nas diferentes salas de sua faixa etária, geralmente os surdos são direcionados para uma única sala, estudando a lição de adultos.

Nesse cenário, as crianças surdas são privadas de estudar a lição correspondente à sua faixa etária, o que pode causar prejuízos em sua jornada espiritual. Entretanto, algumas ações e/ou métodos podem ser aplicados pelos professores a fim de incluir as crianças surdas na Escola Sabatina e minimizar barreiras.





5. A escola sabatina para crianças surdas



A missão da Escola Sabatina é ser um sistema de instrução religiosa, do discipulado e de crescimento espiritual da igreja local, que prepara pessoas para a eternidade. Essa escola precisa incluir todas as pessoas, isso significa atender as necessidades específicas de todos, incluindo as crianças.

É de fundamental importância que os professores obtenham informações sobre o grau de autonomia da criança para execução da atividade, a possibilidade ou não da mediação dos familiares e a existência ou não dos recursos necessários.

Além das adequações necessárias das atividades, dependendo da autonomia da criança e da possibilidade de mediação em casa, pode ser necessário disponibilizar o apoio de um intérprete de Libras.

Quando o planejamento indicar a necessidade de adequação de material, considerar que as etapas do processo de tradução demandam tempo; procure os intérpretes de sua igreja para planejamento das atividades em conjunto. O foco é a disponibilização de recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para participação das crianças surdas na Escola Sabatina.

O professor das salas infantis da Escola Sabatina deve adotar métodos e iniciativas para incluir as crianças surdas, desde a recepção quando a criança chega, como também nas atividades realizadas durante o momento da Escola Sabatina. Poderá também oferecer soluções criativas para o estudo da lição durante a semana, essas atitudes são muito importantes para proporcionar às crianças surdas um sentimento de pertencimento à comunidade religiosa.

A Libras é uma língua reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos surdos, de acordo com a Lei nº 10.436. A Libras possui uma organização gramatical própria, diferente do português. Crianças surdas, usuárias de Libras, que tenham sido alfabetizadas em Libras se expressam por meio dela. Logo, o ideal seria que todo material da Escola Sabatina utilizado pelos professores fosse traduzido para Libras - seja por tradução humana (intérpretes) ou, em último caso, por tradução mecânica por aplicativos como:

VLibras

HandTalk

ProDeaf

<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras>

<https://www.handtalk.me/br/aplicativo/>

<https://www.baixaki.com.br/android/download/prodeaf-tradutor-para-libras.htm>

Seguem algumas orientações para receber e dar acessibilidade às crianças surdas. Contudo, depois que esses alunos estiverem inseridos nas salas, certamente apresentarão algumas questões particulares, que podem ser dialogadas com a liderança local, a família, o MAS e outros departamentos envolvidos, a fim de atender essas necessidades da melhor forma possível.

5.1 A recepção na sala da Escola Sabatina infantil

As pessoas com deficiência, historicamente, vivem experiências marcadas pelo preconceito, segregação ou processos excludentes. A Escola Sabatina é um organismo com energia, dinamismo e criatividade, com um reencontro semanal de pessoas que se amam e gostam de se relacionar. Nesse sentido, a recepção das crianças surdas, deve ser acessível e cheia de interatividade, surpresas, novidades e alegria.

Deve-se cumprimentar a criança surda em sua língua, por isso, o professor poderá treinar as crianças da sala com alguns cumprimentos básicos em língua de sinais. Se na recepção isso ocorrer, a criança surda será motivada a aguardar ansiosamente pelas demais partes do programa.

É na recepção que a primeira impressão acontece, e pode ser a chave para a abertura da mente e do coração dos surdos para que o projeto da Escola Sabatina se torne um desejo impactante em suas vidas. A seguir, nas Figuras 1, 2 e 3, alguns exemplos de cumprimentos em Libras para recepcionar crianças surdas.

Figura 1 - Deus abençoe você



Fonte: Especialidade de Libras da Associação Paulistana.

Figura 2 - Bom dia



Figura 3 - Feliz Sábado



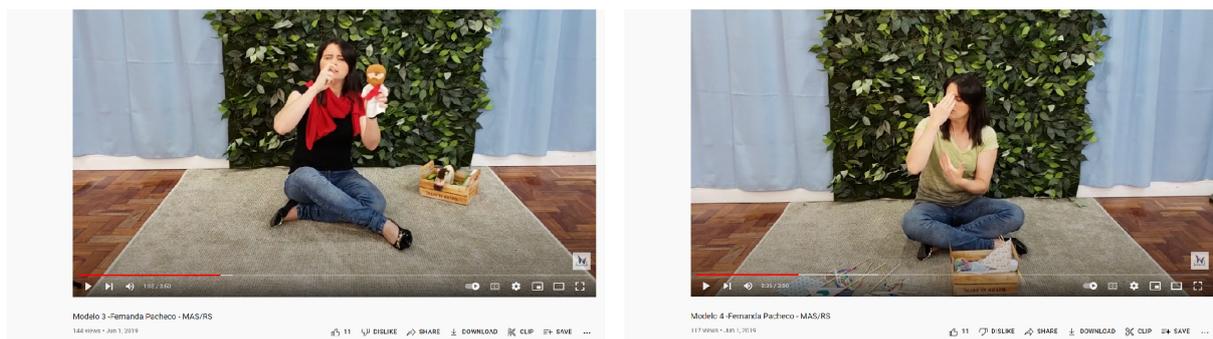
Fonte: Especialidade de Libras da Associação Paulistana.

5.2 Lição – contação de história para crianças surdas

Lembre-se de que a experiência do mundo dos surdos é principalmente visual, então utilize recursos visuais para representar as histórias bíblicas e o assunto principal da lição. Procure no Youtube se existe algum material da história da semana em Libras, ou poderá solicitar algum intérprete de sua igreja que prepare um material em vídeo com o resumo da lição da semana para enviar ao seu aluno.

No site dos Surdos Adventistas <https://surdosadventistas.com.br/historias-infantis-escola-sabatina/> está disponível a orientação para preparar histórias infantis da lição para crianças surdas. Essas orientações podem ser adaptadas a outras faixas etárias.

Figura 4 - Como preparar histórias infantis da lição para crianças surdas.



Fonte: <https://www.youtube.com/@surdosadventistasoficial>

Figura 5 - Como preparar histórias infantis da lição para crianças surdas.



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=I0vUulvIZGQ&ab_channel=CadaEncontroeuContoumConto

5.3 Momento de louvor

No momento de louvor da Escola Sabatina, o professor poderá escolher músicas infantis que tenham vídeos com tradução para Libras e ensinar para todas as crianças. Ensinar passo a passo explicando o significado dos sinais. Sugere-se que, de preferência, escolha as músicas que tenham as palavras Jesus, louvar, Espírito Santo, amém e Deus, pois essas palavras são simples de sinalizar, o que facilita o aprendizado por crianças de diferentes faixas etárias.

No Youtube existem alguns projetos de músicas infantis com tradução para Libras que o professor pode utilizar nesses momentos de louvor nas salas, tornando acessível a todos. Um exemplo é o projeto **Minha vida é uma viagem**, onde algumas músicas estão com a janela de intérpretes.

Figura 6 - Alguns vídeos em Libras do projeto Minha vida é uma viagem.



Outro exemplo com músicas infantis disponíveis em Libras, é o projeto **3 palavrinhas**.

Figura 7 - Projeto 3 palavrinhas



5.4 Sugestões de atividades

Os professores podem utilizar o alfabeto manual, e os sinais listados abaixo para atividades durante a Escola Sabatina.

Figura 8 - Alfabeto Manual

ALFABETO MANUAL				
<small>Link para download do Alfabeto Manual em alta resolução: www.libras.com.br/alfabeto-manual</small>				
				
				
				
				
				
				

Fonte: www.libras.com.br/alfabeto-manual

Figura 9 - Sinais oficiais da IASD da Especialidade de Libras da Associação Paulistana.



Sinais oficiais IASD.



A seguir, algumas sugestões de atividades preparadas pela Professora Doutora Keyla Ferrari Lopes, que poderão ser realizadas com crianças surdas e ouvintes de diferentes faixas etárias utilizando a Libras no contexto na Escola Sabatina.

ELEFANTE COLORIDO

O professor deve ensinar para crianças surdas e ouvintes os principais sinais de cores em Libras. Caso as crianças surdas já dominem a Libras, elas mesmas podem ajudar a ensinar esses sinais. Em um segundo momento o professor deve fazer o sinal de elefante colorido em Libras e as crianças devem perguntar em Libras: que cor?

O professor então deverá mostrar objetos de diferentes cores e as crianças devem sinalizar, em Libras, as cores apontadas pelo professor.

Uma variação da brincadeira também poderá ser o professor fazer o sinal da cor e as crianças buscarem na sala objetos com a cor correspondente.

Outra sugestão é aproveitar uma história bíblica da lição da semana, como por exemplo: o relato da criação, o arco íris no dilúvio, a roupa especial colorida de José, etc. O professor poderá utilizar recursos visuais para realizar a interação com as cores e os sinais em Libras.

BRINCADEIRAS DOS ANIMAIS

A Professora Doutora Keyla Ferrari Lopes menciona que o professor deve levar imagens de alguns animais, pesquisar os sinais correspondentes em Libras e ensinar para as crianças ouvintes e surdas, (lembrando que as crianças surdas usuárias da Libras, podem ajudar a ensinar esses sinais). Exemplo: leão, cachorro, gato, macaco, girafa, etc.

Fazer o sinal em Libras do animal e as crianças imitam o animal sinalizado. Mostrar a imagem do animal e as crianças fazem o sinal correspondente. Criar outras variações desta brincadeira chamando as próprias crianças para escolherem a imagem do animal e os colegas executarem o sinal.

Todas as atividades citadas anteriormente podem ser ilustradas com imagens e desenhos dos sinais correspondentes em Libras para ajudar o entendimento da criança surda e também despertar o interesse da criança ouvinte pela Libras. Lembrando que são apenas sugestões de brincadeiras e atividades, essas propostas podem servir de inspiração para que o professor elabore novas atividades e aplique em suas igrejas.



6. A pessoa surdocega e suas formas de comunicação

Entende-se por pessoa com surdocegueira aquela que apresenta, ao mesmo tempo, perda auditiva e visual em diferentes graus que pode ser uma condição congênita ou adquirida. Compreende-se a pessoa com surdocegueira como tendo uma condição única e singular (e não múltipla), que precisa ter suas necessidades específicas atendidas a fim de assegurar que tenha as mesmas oportunidades que as demais pessoas.

Os principais sistemas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira são:

- **Libras em campo reduzido:** língua de sinais em espaço menor e com distância variada de acordo com a condição visual da pessoa surdocega.
- **Libras Tátil:** Libras adaptada ao tato, é realizada na palma de uma das mãos de pessoas com surdocegueira por meio de um profissional identificado como guia-intérprete.
- **Tadoma:** o método Tadoma, também conhecido como leitura labial tátil, foi criado pela professora norte-americana Sophia Alcorn e é uma das formas de comunicação com as pessoas surdocegas. Consiste em colocar o polegar na boca do falante e os dedos ao longo do queixo. Muitas vezes, o dedo médio cai ao longo da linha do queixo do falante, com o dedo mindinho abaixo, na garganta ou na região abaixo da linha do queixo, para sentir as vibrações da garganta do falante.
- **Escrita na palma da mão:** consiste no registro das letras do alfabeto em caixa alta (letras maiúsculas) na palma da mão da pessoa com surdocegueira.
- **Comunicação háptica:** é um sistema de descrição que é usado para suplementar a língua falada ou de sinais, numa situação paralela. Os símbolos podem representar pessoas numa sala, sentadas, andando, etc. Também pode representar sentimentos, felicidade, tristeza, etc. Os símbolos/sinais são dados em áreas diferentes do corpo: costas, braço, mão, joelho ou pé.
- **Alfabeto Tátil Dactilológico:** corresponde ao alfabeto manual usado pelas pessoas com surdez, porém, feito sobre a palma da mão da pessoa com surdocegueira.
- **Braille Tátil:** o guia-intérprete por meio de toques em determinadas falanges dos dedos da pessoa com surdocegueira transmite mensagens como se estivesse escrevendo em Braille.
- **Braille:** sistema de escrita e leitura tátil, com caracteres em relevo impressos em papel, também utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão.
- **Escrita ampliada:** mensagens ou textos utilizando letras em tipos ampliados e de cores contrastantes com o fundo, para o caso de pessoa surdocega com baixa visão.
- **Fala ampliada:** corresponde à repetição da fala do interlocutor com ou sem a utilização de Aparelho de Amplificação Sonora (Individual-AASI ou Loops-aparelho de amplificação sonora com fones e microfone), para o caso de pessoa surdocega com resíduo auditivo.

Para os usuários dessas formas de comunicação é necessária a elaboração de estratégias presenciais com apoio do Guia-intérprete (aquele que domina diversas formas de comunicação utilizadas pelas pessoas com surdocegueira, atuando também na orientação e mobilidade desses sujeitos) para garantir o acesso ao conteúdo das atividades da Escola Sabatina e demais atividades da igreja.



7. Considerações finais

De forma orgânica, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, por meio do trabalho em conjunto dos Ministérios da Criança e do Adolescente, do Ministério Adventista dos Surdos e o Departamento da Escola Sabatina, une forças para contribuir em diálogos com a comunidade surda.

Dessa maneira, reforça-se a importância dos grupos de trabalho em cada território, entendendo a necessidade local, para que a liderança trabalhe na perspectiva de estabelecer capacitação e treinamentos de professores para ações que envolvam os surdos, a tradução e a interpretação em Línguas de Sinais e outros temas relacionados que contribuem para que se tenha uma igreja inclusiva.

Como em todo processo, essa é apenas uma orientação inicial, o caminho ficará aberto para novos desdobramentos, novos guias e produção de materiais acessíveis a partir das necessidades das crianças surdas no âmbito da igreja Adventista. Acredita-se que há muito ainda para percorrer.

“Ali toda faculdade se desenvolverá, e toda capacidade aumentará. Os maiores empreendimentos serão levados avante, as mais altas aspirações realizadas, as maiores ambições satisfeitas. E, todavia, surgirão novas culminâncias a galgar, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos assuntos a apelarem para as forças do corpo, espírito e alma.” (Educação, p. 307)

As orientações pontuadas aqui são iniciais; sugere-se que as práticas sejam direcionadas respeitando as diferentes configurações de pessoas surdas. Sugerimos que os professores dialoguem com a comunidade surda local e utilizem estratégias seguindo as necessidades específicas de cada criança e adolescente, respeitando os princípios do Desenho Universal para Aprendizagem – DUA.

Querido líder, que Deus continue te abençoando e você seja um instrumento de mudanças e de inclusão na sua igreja e comunidade!



Referências

BRASIL. Decreto N° 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm#art4iii. Acesso em: 24 out 2022.

. Lei n° 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 24 out 2022.

. Núcleo de atendimento especializado – NAEPS. Conceituando a surdocegueira. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br/nucleos-de-atendimento-especializado/NAEPS/conceituando-a-surdocegueira#:~:text=A%20Surdocegueira%20%C3%A9%20uma%20defici%C3%AAncia,a%20autonomia%2C%20o%20aprendizado%20etc>. Acesso em: 24 out 2022.

COSTA, Laís S. A vida da pessoa com deficiência: reflexões legadas do distanciamento social. In: Diálogos sobre acessibilidade, inclusão e distanciamento social: territórios existenciais na pandemia, editado por A. Amorim e K. Machado. DIHS/Ensp/Fiocruz/UFG, 2020. Pp. 10- 11.

CROCHIK, José Leon. Aspectos que permitem a segregação na escola pública. In: Conselho Regional de Psicologia. Educação especial em debate. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. pp. 13-22.

FELIPPE, João Álvaro de M. Caminhando Juntos: Manual das Habilidades Básicas de Orientação e Mobilidade. MEC, SEESP. Brasília, DF. 2003.

FRANCO, María Amelia. Aluno com baixa visão: lista completa de adaptações para inclusão em sala de aula. Visão na Infancia, 14 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.visaonainfancia.com/aluno-com-baixa-visao-adaptacoes/> Acesso em: 02 de dezembro de 2022



Referências

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges. Cartilha do Censo 2010. Pessoas com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Brasília, DF. 2012. Disponível em: <https://inclusao.enap.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido-original-eleitoral.pdf>. Acesso em: 24 out 2022.

MOTTA, Livia Maria Villella de Mello. Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo. NGIME/UFJF. Juiz de Fora, MG. 2015.

MPPR. Pessoa com deficiência: Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF)1. 2022. Disponível em: <https://pcd.mppr.mp.br/pagina-14.html#>. Acesso em: 25 out 2022.

MPPR (B). Pessoa com deficiência: conceitos de deficiência. Ministério Público do Paraná. 2022. Disponível em: <https://pcd.mppr.mp.br/pagina-41.html#>. Acesso em: 24 out 2022.

MUÑOZ, Sandra M. M. Fundamentos de campo visual. Ciencia y Tecnología para la Salud Visual y Ocular (8):85-92. Enero – junio de 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5599405>. Acesso em: 24 out 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. In: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. 1ª ed. Espírito Santo. 2014. Disponível em: http://www.pcdlegal.com.br/convencaoonu/wp-content/themes/convencaoonu/media/pdf/ONU_Cartilha-dvisual.pdf. Acesso em: 24 out 2022.

ROCHA, Maria N. A. M. Propostas de Algoritmos e Fórmulas para Planejamento Cirúrgico dos Estrabismos Horizontais [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil. 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6249>. Acesso em: 24 out 2022.

Burgarelli, Eliana Firmino, atualmente coordena o Ministério Adventista dos Surdos na ASES e apoia como conselheira o MAP da USeB. É Mestre em Linguística (2022), pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes); Especialista em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva (2020) pelo IFTM e em Educação Especial e Inclusiva (2018) pela Facibra, pós-graduanda em Práticas Pedagógicas (2022), pelo IFES; bacharela em Letras-Libras (2017) pela Ufes. Ocupa o cargo de tradutora e intérprete de Libras e integra grupos de pesquisas e desenvolve trabalhos relacionados com a tradução e interpretação de línguas de sinais e educação de pessoas surdas.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

SACKS, Oliver. Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. Companhia de Bolso. 2010.





Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 24 de abril de 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 27 nov. 2022.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 22 de dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 27 nov. 2022.

BRASIL. Lei Nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em: 27 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União. Brasília (DF), 16 de julho de 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 27 nov. 2022.

OLIVEIRA, André Barbosa de. A Trajetória de um Pioneiro do Ministério dos Surdos Adventistas: Vivaldo Rodrigues Mesquita. Revista Adventista, setembro de 2021. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/o-homem-que-evangelizava-com-as-maos/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SILVA, César Augusto Assis. Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade. São Paulo, Terceiro Nome, 2012.

WHITE, Ellen Gould. A escola do além. Educação. Coleção Ellen G. White. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

